

ACABAMOS COM O CONTINUUM DA IMPOTÊNCIA! | POR BASTIAN BARUCKER

Posted on 20. November 2020

Os eventos actuais convidam-no a procurar pistas: Como é possível que tantas pessoas se submetam a regulamentos e decisões sem as questionar com auto-confiança? É revelado um problema muito mais profundo, nomeadamente a forte tendência para se sentir impotente ou ineficaz e o medo de consequências negativas se a própria opinião difere da da maioria.

*Um ponto de vista **de Bastian Barucker**.*

Como seria bom pensar que quando as provas das medidas corona são reveladas e novos governantes são eleitos, resolvemos o problema. Creio antes que nos devemos dedicar a uma busca mais profunda de provas que abordem radicalmente as causas destes abusos, em vez de combater os sintomas.

De onde é que vimos?

A nossa história como Homo Sapiens começa em condições inimagináveis nos dias de hoje. 97 % da nossa existência como Homo Sapiens vivíamos como caçadores-colectores a vagar em comunidade. Tínhamos a competência e a capacidade de satisfazer as nossas necessidades mais importantes. Por um lado dependemos do bom funcionamento da comunidade que nos rodeia e, por outro, aperfeiçoámos as nossas capacidades de ir com o fluxo da natureza para alimentar, vestir e fazer uma casa para nós próprios e para toda a comunidade. Muitas pessoas estão actualmente tão alienadas da natureza que este modo de vida original parece muito afastado delas. Esta antiga época é chamada a sociedade afluente original pelo antropólogo americano Marshall Sahlín no seu livro "Stoneage Economics":

"Em 1972, publicou o seu livro "Stoneage Economics", no qual prova, utilizando várias fontes etnográficas, que as sociedades de caçadores-colectores podiam viver numa forma específica de "prosperidade" mesmo sob as condições do deserto ou do deserto gelado. A nossa imagem da escassa e dura vida da Idade da Pedra deve ser completamente revista. Sim, é antes a sociedade actual em que a escassez é um princípio económico institucionalizado! Em contraste com o mundo civilizado, onde uma grande parte da população vai todas as noites para a cama com fome, os caçadores-colectores tradicionalmente vivos como os bosquímanos do Kalahari ou os aborígenes australianos conhecem a fome, na melhor das hipóteses, como

um fenómeno extraordinário, em breve a ser permanente, que quase nunca assume proporções de risco de vida"(1).

Historicamente, no entanto, a actual tentativa de exercer controlo sobre a natureza é uma experiência muito nova e muito provavelmente fatal. Através da minha estadia no deserto durante vários meses, tive felizmente a oportunidade de experimentar esta vida terrena e muito bela. As minhas descobertas baseiam-se, portanto, não só na teoria mas também na prática.

Um aspecto especial da nossa história é que tínhamos o "poder" de ganhar a nossa vida sem estar dependentes de salários e que tínhamos e podíamos regular os interesses da comunidade regional e participativamente. Desta forma, foi possível participar directamente na formação das nossas próprias vidas e experimentar a auto-eficácia. As únicas dependências que existiam eram a nossa relação com o país, com o nosso "clã" e com nós próprios. Esta condição deu-nos uma posição de partida muito boa, porque sabíamos: "Somos fornecidos pela terra e pela nossa comunidade". Nós, enquanto humanos, só recentemente saímos deste estado e começámos a ter mais controlo sobre a natureza. Para resumir uma longa história: Com o advento da agricultura, este estado de coisas mudou e hoje vivemos numa sociedade onde muitas pessoas experimentam uma contínua impotência.

O fio vermelho da impotência

Devido aos meus muitos anos de experiência em sentimento e trabalho corporal, tive a sorte de experimentar em primeira mão o quão fortemente as experiências da primeira infância nos moldam. Desde a concepção, somos seres plenamente sencientes e, durante a gravidez, o nascimento e os primeiros anos, forma-se o nosso equilíbrio hormonal, o nosso cérebro, a nossa visão do mundo e a nossa vida emocional. Para muitos, desta vez é como uma parte desconhecida das suas vidas, que inconscientemente exerce um enorme poder. As pessoas que experimentaram repetidamente a impotência durante este tempo sofrem com estas experiências durante toda a sua vida. As crianças que se libertam gritando, são afastadas, têm sofrido abusos emocionais ou físicos, desenvolvem estratégias para lidar com eles. Talvez muito cedo na vida desenvolvam a atitude: "Não posso fazer nada de qualquer maneira" ou "Não vale a pena o esforço" ou

"Não faz sentido dizer o que eu quero". Mais ou menos todas as pessoas tiveram estas experiências na sua primeira infância e para a maioria delas isso não é uma parte integrada da sua vida, mas determina em parte a sua vida. Claro que também há pessoas que desenvolvem um forte contra-movimento a partir destas experiências para evitar reviver estes velhos sentimentos.

Educação para a conformidade ou o desamparo aprendido

"O desamparo aprendido é a convicção, desenvolvida com base na experiência negativa, de ter perdido a capacidade de mudar a sua própria situação de vida e de ser responsável por este estado de coisas". (2).

Uma vez chegados a uma instituição educacional ou de cuidados, podemos voltar a sentir que estamos sozinhos e que não somos capazes de mudar a situação por nós próprios. Possivelmente é determinado de fora o que fazemos e quando, e temos pouca influência sobre isso. Estamos também expostos a conteúdos e tempos de aprendizagem relativamente impotentes e a possíveis avaliações por parte dos professores. Assim, pouco a pouco é cimentada uma atitude que pode tornar-se um motivo de vida. Desenvolve-se um contrato interno de impotência.

Uma vez no emprego, é bem possível que um emprego assalariado crie uma dependência, na qual a impotência possa ser novamente sentida. Como empregado, encontro-me numa posição em que estou dependente do favor do meu superior, apesar da saúde e segurança no trabalho. Como não sou capaz de ganhar a vida sem um rendimento, ao contrário dos caçadores e colectores, vivo com medo de perder este rendimento. Mais uma vez surge uma situação de impotência ou de forte dependência da boa vontade de uma autoridade.

A minha própria participação política é reduzida ao mínimo através de eleições e só conheço pessoalmente pessoas que sentem um forte desencanto com a política. A ilusão de que o voto de 4 em 4 anos permite uma participação real, felizmente desapareceu para muitas pessoas. A maioria deles, porém, experimenta novamente impotência e auto-eficácia. Assim, o sentimento de impotência acima descrito aumenta quando se trata de questões importantes na vida. Tal como o nascimento, a forma como lidamos com o envelhecimento e a morte na nossa sociedade também está doente. Os idosos são colocados em casas,

arrancados das suas redes sociais e vitais para que possam ser tratados de forma eficiente. Cada vez mais, também eles estão a ser incapacitados, e novamente, outros determinam a rotina diária, as actividades ou mesmo a hora e o modo da morte.

Não é, portanto, de todo surpreendente que tenha sido possível durante décadas e séculos conduzir uma política contra o povo sem criar um forte contra-movimento. A maioria deles sofre do desamparo aprendido.

Nós merecemos melhor!

Uma continuidade que começa com um nascimento auto-determinado e termina com uma morte auto-determinada seria um sinal de uma sociedade que permite que as pessoas assumam a responsabilidade pelas suas vidas e assim experimentem a auto-eficácia. Isto significa que nós, enquanto sociedade, devemos esforçar-nos por assegurar que as crianças, os jovens e os adultos experimentem um continuum de co-determinação, ligação e auto-eficácia na comunidade em vez de um continuum de impotência. Isto começa com a procriação e termina com a morte. Isto é, naturalmente, tornado mais difícil pelo facto de cada um carregar dentro de si o seu desamparo pessoal aprendido, e para se tornar realmente eficaz na sua formação, faz sentido dedicar tempo e atenção a esta própria história. Porque uma mudança duradoura no exterior só é possível através do seu próprio trabalho interior de consciência.

"Seja a mudança que quer ver no mundo". (Mahatma Ghandi)

Esta mudança necessária requer tempo e muitas mudanças e, sobretudo, uma autoconfiança do povo de que tem direito à co-determinação, à liberdade de opinião e aos direitos humanos. Claro, e refiro-me a isto literalmente e remeto para o início deste artigo, temos o direito de decidir sobre as nossas vidas, desde que isto não prejudique ninguém e/ou a terra. Também tenho o direito de ter uma palavra a dizer em assuntos que me preocupam e de ser informado sobre eles de forma transparente e sem qualquer emissão de opinião. Não me basta fazer uma cruz de 4 em 4 anos e assim dar poder a pessoas que mostram um comportamento predominantemente narcisista patológico e estão mais interessadas em manter ou expandir o seu próprio poder do que no bem comum. Muitas destas pessoas não são capazes de se ouvirem

umas às outras durante os debates no Bundestag. Eles invocam os discursos dos outros e tudo isto está tão longe dos sábios decisores como a terra está longe da lua.

Também não me basta ser imposto de cima para baixo com regulamentos sem provas e que restringem os meus direitos básicos. Por vezes sinto como se os meus pais me estivessem a pôr de castigo por causa de uma tempestade que se aproxima e embora eu seja capaz de estimar o tempo e não haja sinais de uma tempestade, é suposto eu ficar lá dentro e ter medo de uma tempestade. E isso com semanas de sol. Não, obrigado!

Sou a favor de transformarmos estas hierarquias, firmemente cimentadas há séculos e que vivem em cada célula, numa interacção solidária, respeitosa, conectada e respeitosa com a natureza (e isto também significa todas as pessoas), e cada um de nós activamente, criativamente e de acordo com a sua personalidade, contribuindo para a formação da nossa vida comum. Acredito que somos capazes de criar um mundo que é mais gratificante e belo do que podemos imaginar actualmente. E termino aqui com a referência aos nossos antepassados ligados à terra. Os iroqueses do continente norte-americano seguiram o chamado princípio da 7ª geração:

O "Princípio da 7ª Geração" ensinado pelos nativos americanos declara que "em cada decisão pessoal, governamental ou empresarial que tomamos, devemos considerar como isso afectará os nossos descendentes de sete gerações no futuro. Para que o céu, o campo e as montanhas imaculadas desta fotografia ainda estejam lá para eles desfrutarem" (3).

Voltemos a uma compreensão tão radical da sustentabilidade e façamos as nossas escolhas importantes com vista às próximas 7 gerações e ao seu bem-estar. Eles merecem-no.

Fontes:

1. [Aufsatz "die ursprüngliche Wohlstandsgesellschaft" von Marshall Sahlins \(deutsch\)](#) und Jochen Schilk, <https://oya-online.de/article/read/195.html?highlight=schilk>
2. (https://de.wikipedia.org/wiki/Erlernte_Hilflosigkeit)

3. <https://mollylarkin.com/what-is-the-7th-generation-principle-and-why-do-you-need-to-know-about-it-3/>

+++

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Este artigo foi publicado pela primeira vez em 17.11.2020 no blog.bastian-barucker.de

+++

Fonte da imagem: TORWAISTUDIO / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK